

# FORMAÇÃO DE NOMES DEVERBAIS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA: UM ESTUDO MORFOFONOLÓGICO

Natália Cristine PRADO<sup>1</sup>  
Gladis MASSINI-CAGLIARI<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar três processos morfofonológicos – justaposição, alomorfa da vogal temática e fusão de vogais – que ocorrem na formação de palavras envolvendo os sufixos *-çon* e *-mento* em um *corpus* composto pelas 420 *Cantigas de Santa Maria*. Os casos analisados nesta pesquisa ocorreram com nomes a partir de verbos da primeira, segunda e terceira conjugações. Podemos notar, através da análise desses processos, que o sufixo *-çon* desencadeia mais processos morfofonológicos do que o sufixo *-mento*. No entanto, embora os processos sejam bastante produtivos, notamos que a maioria dos nomes foi formada a partir da justaposição dos sufixos – sobretudo nos derivados em *-mento* –, o que mostra uma tendência a regularidade na formação de nomes deverbais com esses derivados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de palavras. Processos fonológicos. Português arcaico.

---

1 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Araraquara. *Email:* natalia\_cristine\_prado@yahoo.com.br

2 Professora do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Araraquara. *Email:* gladis@fclar.unesp.br

## Introdução

O objetivo principal deste artigo é mapear e analisar os processos morfofonológicos que ocorrem em uma sincronia da língua portuguesa: o Português Arcaico (PA) dos séculos XII-XIII. Para este estudo vamos considerar os processos que ocorrem através da adjunção dos sufixos *-çon* (*-ção*) e *-mento*. Este trabalho surge da necessidade de pesquisar processos morfofonológicos não tão estudados na formação de palavras do português na época medieval. Encontramos, muitas vezes, apenas uma lista com os principais sufixos, prefixos, etc., que são usados na formação de novos itens lexicais em outras épocas e alguns apontamentos históricos. Dessa forma, existe uma necessidade de se fazer uma análise em que se considera a interface Fonologia-Morfologia; podemos dizer que esse é um estudo histórico da língua portuguesa – o que configura uma abordagem conhecida como “sincronia no passado” (MATTOS E SILVA, 2006). Desenvolvemos este trabalho utilizando como *corpus* de pesquisa as 420 *Cantigas de Santa Maria* (doravante CSM), de autoria atribuída ao Rei Afonso X, o sábio. Escolhemos as CSM como representantes legítimas do período arcaico, porque elas são uma das fontes mais ricas do galego-português, em termos lexicais (METTMANN, 1972, 1986, 1988, 1989) e, segundo Parkinson (1998, p. 179), um monumento literário e musical da mais elevada importância. São poemas que contam os feitos milagrosos de Santa Maria e são também um hino de louvor à Virgem. As CSM são escritas em galego-português e são acompanhadas por pautas musicais com a melodia a ser cantada; além disso, algumas cantigas são acompanhadas (em dois dos manuscritos remanescentes) por desenhos miniaturizados que são chamados de *iluminuras* e que representam, de modo geral, o conteúdo que está sendo narrado na cantiga.

Como nesta pesquisa daremos um enfoque maior na formação de palavras em PA, optamos pelo estudo dos processos de construção do léxico numa

perspectiva gerativista. Portanto, partindo da perspectiva de que o léxico não é apenas um depósito de idiossincrasias, nosso estudo traz uma observação dos processos morfofonológicos que ocorrem envolvendo os sufixos *-çon* (*-ção*) e *-mento*, tendo em conta a constituição do léxico através de regras de formação de palavras em PA.

## Os sufixos *-ção* (*-ção*) e *-mento* na história do português

Como dissemos, diferentemente do que ocorre no Português Brasileiro atual, é menos comum encontrar estudos sobre os processos de formação de palavras em línguas antigas. Desse modo, Rio-Torto (2012, p. 2) chama a atenção para o fato de que, no PA, em paralelo com as mudanças na grafia e na fonologia, “ocorreram mudanças no âmbito da morfologia derivacional que tiveram repercussões de então para cá ainda não totalmente escrutinadas pelo léxico”. A autora explica que os nominalizadores deverbais *-ção* e *-mento* formam nomes de evento e/ou estado e são, ao lado do sufixo *-nça*, bastante ilustrativos das mudanças pelas quais a língua portuguesa vem passando desde o PA até a configuração genolexical do português moderno. Os estudos de Rio-Torto (2012) observaram esses sufixos a partir do *site* /www.corpus-doportuguês.org/ e, a partir dos dados quantitativos deste estudo, foi possível notar que, até o século XV, há uma maior produtividade do sufixo *-mento* e que, a partir do século XVI, o sufixo *-ção* passa a ser mais produtivo.<sup>3</sup> Para a pesquisadora,

[...] houve efectivamente mudanças de preferência ou de prevalência sufixal entre *-nça*, *-mento* e *-ção*. Independentemente das motivações que estão na base da emergência de novos derivados deverbais portadores de sufixos diferentes dos antes selecionados, verifica-se que em alguns casos há coexistência de derivados

3 No estudo de Prado (2010), observa-se, numa análise comparativa entre o PA e o PB, que o sufixo *-ção* realmente aumentou em produtividade no PB enquanto o sufixo *-mento*, embora seja muito produtivo, diminuiu.

corradicais (*governação, governança*), e em outros uma forma se terá sobreposto em absoluto à outra (*perlongança e prolongamento*). Na primeira circunstância terá havido distinção e especialização das formas coexistentes. Na segunda, os nomes corradicais não deveriam ser complementares, mas equivalentes, tendo assim o léxico prescindido de uma forma sufixada. (RIO-TORTO, 2012, p. 318)

A autora compara seus dados com a pesquisa de Coelho (2005), que também confirma essa tendência.

Sobre os sufixos focalizados nesta pesquisa, Coutinho (1974, p. 170) observa que são provenientes do latim. O sufixo *-ção* vem do latim *-tione* e denota ação ou resultado dela e se junta a radicais verbais para formar substantivos como *rendição* e *gesticulação*. O sufixo *-mento* é, segundo Coutinho (1974, p. 171), proveniente do latim *-mentul/-menta/ -mentum* e forma substantivos exprimindo ação ou resultado dela, coleção, instrumento, objeto, como as palavras *casamento, ferramenta* e *vestimenta*. Em latim, havia três gêneros para os vocábulos não verbais – masculino, feminino e neutro –, sendo que o gênero neutro ficava reservado, na maioria das vezes, às palavras que designavam seres inanimados, que é o caso de instrumentos e objetos em geral. As desinências apontadas por Coutinho (1974, p. 171) são típicas do nominativo de gênero neutro: no singular, desinência  $\emptyset$  para nomes terminados em *-u* e *-m* para os terminados em *-o* (que passava a *-u* no momento da adjunção da desinência como, por exemplo, *templo/templum*); no plural, *-a* para qualquer nome neutro.

Embora Coutinho considere *-mento* e *-menta* como sendo o mesmo sufixo, nota-se que *-menta* possui o significado de coleção ou instrumento – que pode ter se originado no significado de plural inerente à terminação *-menta* em latim –, como nas palavras *ferramenta* e *vestimenta*, enquanto apenas *-mento* possui significado de ação ou resultado dela. Diante dessas observações, podemos formular uma hipótese de que é possível considerar que *-mento* e *-menta* são dois sufixos diferentes no PB, sendo que *-menta* foi,

provavelmente, anexado aos verbos *ferrar* e *vestir* pela Regra de Formação de Palavras (RFP) [verbo + *-menta*]. No entanto, embora *-menta* possa ser reconhecido como sufixo nesses casos, já não é mais produtivo no PB atual, pois não se encontram novas palavras sendo criadas a partir dele. Atualmente, existem vários sufixos que se ligam a inúmeros tipos de palavras para formar vocábulos com sentido de instrumento ou coleção (BECHARA, 2009, p. 359), como, por exemplo, *-aria*, *-eria*, *-al*, *-ada*, que se ligam a substantivos (*livraria* – de *livro*; *sorveteria* de *sorvete*; *laranjal* – de *laranja*; *boiada* – de *boi*; etc.) e *-or*, que se liga a verbos (*corredor* – de *correr*; *andador* – de *andar*; etc.).

Para Ali (1964, p. 240), o sufixo *-ção* é proveniente do latim *-tion/-sion*, em que as consoantes *t* e *s* pertencem a temas do particípio pretérito. Esse sufixo serve para formar nomes abstratos dos verbos. Para o autor, muitos dos vocábulos com esse sufixo são formações da fase mais antiga da língua portuguesa. O sufixo *-mento* é denominado como sendo formador de substantivos que denotam ação. Ali (1964, p. 240) observa que

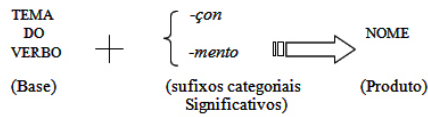
[...] notável facilidade tinha o português antigo para criar substantivos abstratos terminados em *-mento*. A prodigalidade de seu emprego é, até, um dos traços característicos da linguagem escrita daquela época; mas quando começa a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso dos ditos vocábulos, dando-se preferência, sempre que era possível, a palavras com outras terminações.

Assim, a partir da opinião desse autor, pode-se inferir que, com o passar do tempo, o sufixo *-mento* foi caindo de produtividade, enquanto aumentou o uso do sufixo *-ção*.

## Metodologia e coleta dos dados

Preocupamo-nos nesta pesquisa, primeiramente, com a coleta e a organização dos dados que virão a ser descritos e estudados. Como lembra Basílio

(1999, p. 60), “a ocorrência de uma construção lexical pode provir tanto de uma RFP quanto do acesso a um item já armazenado no léxico, e, portanto, não evidencia a operação do processo correspondente”. Assim, em virtude dessa dupla natureza do léxico (componente de regras e lista de entradas lexicais), separamos apenas as palavras que vieram de uma RFP em que temos uma base verbal dando origem aos nomes que serão analisados. Por isso, separamos as palavras que se encaixam na seguinte regra:



Por fim, com as palavras já separadas no *corpus* do PA, organizamos nossos dados de acordo com o tipo de processo a que se submetem. Vemos, abaixo, de maneira esquemática, o total dos dados considerados:

**Tabela 1** - Total dos dados considerados para o PA

Sufixos	Ocorrências	
	quantidade (números absolutos)	%
<i>-çon</i>	31	47%
<i>-mento</i>	35	53%
Total	66	100%

Como podemos observar na Tabela 1, foram listadas 31 palavras terminadas em *-çon* e 35 em *-mento*. A partir desses dados, iniciamos nossas análises.

## Análise dos dados

Apesar de termos escolhido para esta pesquisa um conjunto de cantigas apontado como uma das fontes mais ricas da época em termos lexicais, as limitações quantitativas, naturais dos textos antigos, fazem-se sentir. Dessa forma, estamos trabalhando com uma quantidade de dados relativamente pequena, o que não nos impede de observarmos os processos morfofonológicos ocorridos na adjunção dos sufixos enfocados.

Consideramos para o estudo do PA os sufixos nominalizadores concorrentes *-çon*, (*-ção*) e *-mento*, ou seja, sufixos que, apesar de serem distintos do ponto de vista fonético, apresentam a mesma função: ambos são formadores de nomes. Para que haja um processo de sufixação é necessária a adjunção desses sufixos a uma base que, nesse caso, é verbal: trata-se do tema do verbo (raiz + vogal temática). Como esses sufixos transformam uma base verbal em um nome, vemos que são sufixos significativos e categoriais, pois acrescentam ao significado da base um significado acessório e mudam a categoria gramatical do produto. Há entre eles diferenças prosódicas: tanto *-çon* quanto *-ção* são sílabas pesadas que atraem o acento, enquanto *-mento* é um sufixo que forma um troqueu moraico constituído de uma sílaba pesada e outra leve, que é o padrão de acentuação *default* no PA e no PB, também.

É importante notarmos as mudanças entre a base e o produto; afinal, para uma análise de processos morfofonológicos relacionados à formação de palavras por derivação, deve-se sempre observar a interação entre os aspectos fonológicos e a constituição do léxico. Podemos, assim, ver quais mecanismos a língua tem para ampliar seu léxico a partir de palavras já existentes. Por estarmos trabalhando com textos antigos, encontramos muita variação na grafia das palavras (já que a escrita do galego-português não era normatizada naquela época), por isso adotamos uma delas e colocamos as outras como variantes da mesma palavra. Dessa forma, as palavras encontradas podem ser segmentadas

de acordo com a regra já explicitada, que, por sua vez, desencadeia alguns processos morfofonológicos que alteram as formas dos morfemas. Os processos localizados encontram-se, de forma esquemática, na Tabela 2, abaixo:

**Tabela 2** - Resultados finais das ocorrências dos processos encontrados no PA

Processos	Ocorrências			
	-çon		-mento	
	quant.	%	quant.	%
Justaposição	15	48%	29	83%
Alomorfa da Vogal Temática (VT)	4	13%	6	17%
Haplogia <sup>4</sup>	7	23%	-----	-----
Haplogia + Alomorfa do Radical	4	13%	-----	-----
Fusão de vogais semelhantes	1	3%	-----	-----
Total	31	100%	35	100%

Observando a tabela acima, notamos que a maioria das palavras faz sufixação por justaposição; portanto, a maior parte das palavras não sofre qualquer alteração morfofonológica, quando são adjungidos à base um dos dois sufixos em questão. Podemos ver também que o processo mais produtivo no *corpus* consultado foi a haplogia (embora só tenha ocorrido com nomes derivados em *-çon*), que é definida, pela maioria dos estudiosos, como sendo um processo de supressão de sons semelhantes. Em alguns momentos, a haplogia é acompanhada de uma alomorfa no radical, isto é, nota-se também uma mudança no radical do derivado, se o compararmos com o verbo de origem. O segundo processo mais produtivo foi a alomorfa da vogal temática

<sup>4</sup> Os casos de haplogia e haplogia seguidas de alomorfa do radical não serão analisados neste trabalho. Para as análises desses casos, consultar Prado (2011).



(VT), em que se observa uma mudança da VT entre o verbo e o derivado. Por fim, observamos apenas um caso de fusão de vogais semelhantes, ou seja, um caso em que o verbo tinha uma sequência de duas vogais similares que se fundem na formação do derivado. Além disso, observamos que o sufixo *-mento* desencadeia menos mudanças fonológicas que o sufixo *-çon*.

Podemos dizer resumidamente que, de acordo com os pressupostos da fonologia lexical (FL), os processos que vamos estudar aplicam-se no nível lexical, pois ocorrem dentro dos limites da formação do léxico. Para Kiparsky (1985, p. 2), na visão da gramática tradicional, o léxico é uma espécie de apêndice cuja função é apenas listar o que é irregular e impraticável sobre as palavras de uma língua. Na FL (KIPARSKY, 1985; MOHANAN, 1986; PULLEYBLANCK, 1986), o léxico passa a ser visto “não só como o depositário de idiosincrasias, mas como um domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas” (BISOL, 2005, p. 83).

A FL e a fonologia gerativa padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968) assemelham-se, em alguns pontos importantes, embora se contraponham em muitos aspectos. Ambas as teorias reconhecem a necessidade de uma representação fonética e assumem a importância de se ter uma representação ainda mais abstrata, chamada forma subjacente ou forma fonêmica. Entretanto, a FL e a fonologia gerativa padrão diferem na maneira de estruturar o léxico. Assim, como a Fonologia Gerativa Padrão enxergava o fonema como uma matriz de traços sem hierarquias, ela também não considerava o léxico de forma estruturada. Para Mohanan (1986), um trabalho precursor das ideias desenvolvidas na FL é *Remarks on Nominalization*, de Chomsky (1970). Nesse trabalho, Chomsky já trazia a ideia de que havia uma regularidade nas relações entre palavras que diferia das relações sintáticas determinadas pela estrutura da sentença. Chomsky (1970) chamava essa relação de *lexical rules*. Mohanan (1986, p. 04) explica que, na visão de Chomsky (1970):

A lexical rule was a “redundancy” rule which captured the regularities in the lexical entries, such as the relation between destroy and destruction. This was the beginning of the recognition that word structure and sentence structure were not governed by the same set of principles, and that they belonged to different modules of grammar. In Chomsky (1965), the output of lexicon was a set of morphemes; after Chomsky (1970), the output of lexicon was a set of words.

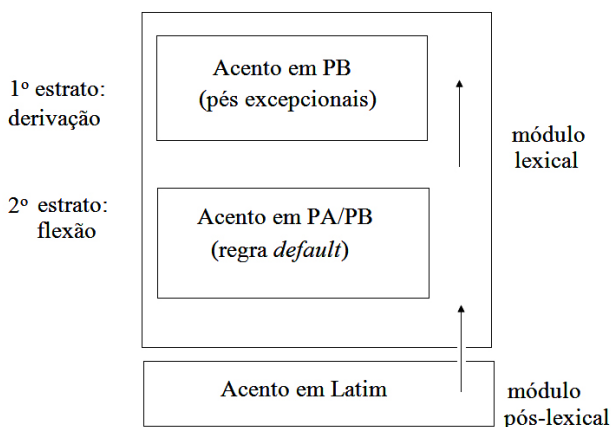
A partir de então, iniciou-se um movimento a favor da ideia de que o léxico poderia ser utilizado para expressar a natureza de certos processos fonológicos. Kiparsky (1985, p. 2) observa que o léxico tem “*rich internal organization of its own and is becoming recognized as the site of pervasive grammatical regularities*”. Dessa maneira, um dos pressupostos da FL considera que o léxico de uma língua é composto de níveis – ou “estratos”, segundo Mohanan (1986).

A FL é uma teoria que procura observar atentamente a interação das regras fonológicas com as regras morfológicas. Assim, a FL oferece um novo método de trabalho, “transferindo parte das regras fonológicas para o léxico, de tal modo que uma parte do componente fonológico se integrou ao componente morfológico” (LEE, 1995, p. 4).

De acordo com Lee (1995, p. 5-6), na FL clássica, os componentes da fonologia e da morfologia intermisturam-se, de modo que as regras fonológicas relevantes se aplicam à saída de toda regra morfológica, criando uma forma que é entrada para outra regra morfológica. Surge, assim, o conceito da aplicação cíclica de regras no nível do léxico. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 100), a ciclicidade proposta pela FL amplia a ideia de ciclo abordada pela fonologia gerativa padrão. Na FL, como cada forma precisa passar necessariamente por todos os níveis do léxico, pode-se dizer que, durante os processos de formação das palavras, sua consequente passagem pelos componentes do léxico é cíclica. Dessa forma, de acordo com a autora, a ciclicidade é “uma consequência da interação entre os estratos lexicais e o sistema de regras fonológicas” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 100).

A interação entre essas regras nos dá as representações lexicais que são distintas da representação subjacente. Eis um ponto importante em que a FL difere da fonologia gerativa padrão, pois observamos aqui três representações – representação subjacente, representação lexical e representação fonética –, enquanto na fonologia gerativa padrão há apenas a representação subjacente e a representação fonética.

Como mencionado, essa abordagem teórica considera que o léxico é composto por níveis (MOHANAN, 1986; KIPARSKY, 1985), de modo que os processos de derivação e de flexão de uma língua podem ser organizados em uma série desses estratos. Assim, a ordem dos processos morfológicos na formação da palavra é definida pela ordem desses níveis. Há, portanto, dois tipos diferentes de aplicação das regras fonológicas. O primeiro plano é representado pelas regras que se aplicam dentro do léxico e é chamado de nível lexical. O segundo representa as regras que operam fora do domínio do léxico e é chamado, assim, de nível pós-lexical. Para fazer a representação da justaposição dos sufixos e dos processos encontrados, optamos por seguir a representação do léxico em dois níveis, de modo análogo ao trabalho de Lee (1995), que estabeleceu dois níveis para o léxico do PB. Massini-Cagliari (1999, p. 190) também considera dois níveis para a aplicação das regras de atribuição do acento em PA e em PB, como se pode notar no esquema, abaixo:



Através da Tabela 1, apresentada na seção anterior, percebemos que 49% das palavras encontradas correspondem a derivações com o sufixo *-çon* e 51% são de nomes deverbais derivados em *-mento*. Esses números apontam, portanto, que em PA a produtividade dos sufixos nominalizadores era equilibrada. Observaremos agora três tipos de processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos *-çon* e *-mento*, a partir dos dados do PA: a justaposição, a alomorfa da vogal temática (VT) e a fusão de vogais semelhantes

## Casos de justaposição

O processo de justaposição ocorre quando o sufixo é adicionado à base sem provocar mudanças de ordem morfofonológica, como podemos observar nos exemplos (1), (2) e (3), abaixo:

(1) *criaçõn*

### Léxico

$[kria]_{base} + -soN]_{sufixo} \rightarrow$  Adjunção (Morfologia)  
/kriasoN/  $\rightarrow$  Nome

(2) *casamento*

### Léxico

$[kaza]_{base} + -meNtu]_{sufixo} \rightarrow$  Adjunção (Morfologia)  
/kazameNtu/  $\rightarrow$  Nome

(3) *fundamento*<sup>5</sup>

**Léxico**

[foNda]<sub>base</sub> + -meNtu]<sub>suífixo</sub> → Adjunção (Morfologia)  
 /foNdameNtu/ → Nome

A justaposição, no caso dos dois sufixos analisados, mostrou-se produtiva, como podemos observar a partir da Tabela 3, abaixo:

**Tabela 3** - Casos de justaposição no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
<b>1.<sup>a</sup> Conjugação</b>	15	100%	22	76%
<b>2.<sup>a</sup> Conjugação</b>	---	---	1	3%
<b>3.<sup>a</sup> Conjugação</b>	---	---	6	21%
<b>Total</b>	15	100%	29	100%

Vemos aqui que o processo de justaposição dos sufixos acontece com a grande maioria dos nomes derivados em *-mento* (correspondendo a 76% do total de palavras derivadas em *-mento*), sendo que a maior parte desses nomes é da primeira conjugação e uma pequena parcela é de nomes advindos de verbos da segunda e terceira conjugações. Nos nomes derivados em *-çon*, observa-se um grau menor de regularidade, pois apenas nomes formados a partir de verbos da primeira conjugação apresentam regularidade na sua formação.

<sup>5</sup> A palavra *fundamento* também apresenta a variante *fundamento*. Poderíamos pensar, a princípio, que se trata de um caso de alomorfa do radical, já que a palavra teria sido formada a partir do verbo *fundar-se*; porém, é provável que sua variação ocorra apenas na grafia e não na pronúncia da palavra, já que a escrita do galego-português não era normatizada naquela época.

## Casos de alomorfia da vogal temática

Outro processo encontrado é a alomorfia da VT, que aconteceu com nomes derivados de verbos da segunda conjugação em sua maioria, havendo, entretanto, um caso de verbo da terceira conjugação, envolvendo o sufixo *-çon*, como se pode observar de maneira esquemática na tabela 4, abaixo:

**Tabela 4** – Casos de alomorfia da vogal temática no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
<b>1.<sup>a</sup> Conjugação</b>	---	---	---	---
<b>2.<sup>a</sup> Conjugação</b>	3	75%	6	100%
<b>3.<sup>a</sup> Conjugação</b>	1	25%	---	---
<b>Total</b>	4	100%	6	100%

Segundo Câmara Jr. (2004 [1964], p. 105), no PB atual, as conjugações em que se distribuem os verbos são uma aproximação da realidade. Temos na verdade a primeira conjugação (*-ar*) e a outra classe que, em certas formas, divide-se na segunda (*-er*) e terceira conjugação (*-ir*); como a situação das conjugações verbais praticamente se manteve inalterada do PA para o PB, isso poderia explicar a alternância de /e/ para /i/ nesses derivados. Com o sufixo *-mento*, apenas um nome derivado de verbo da segunda conjugação não passou por nenhum processo morfofonológico. No exemplo (4) trazemos um quadro com dois casos de alomorfia da VT:

(4)

<i>Atrevimento</i>	<i>Esleyçon</i>	
[atreve] <sub>base</sub> [-meNtu] <sub>sufixo</sub>	[eslee] <sub>base</sub> [-soN]	forma de base
		<b>1º estrato:</b>
atrevemeNtu	esleesoN	Justaposição
a.tre.ve.meN.tu	es.le.e.soN	Silabação
		<b>2º estrato:</b>
a.tre.ve.méN.tu ∪ ∪ ∪ — ∪	es.le.e.sóN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i> )
a.tré.vi.méN.tu	es.lé.i.sóN	Alomorfia da VT
-----	es.lei.soN	Ditongação
[atrevi'mêto]	[esleɪ'sõ]	<b>Output</b>

Nesse caso, observamos o levantamento da vogal influenciada pela derivação. A sílaba <men> do sufixo *-mento* atrai o acento já que o padrão troqueu moraico é *default* no PA; assim, a sílaba em que se encontra a VT torna-se pretônica, o que abre a possibilidade do levantamento da vogal dessas sílabas. Da mesma forma que ocorre variação entre as vogais temáticas /e/ e /i/ nas conjugações verbais, essa é uma variação condicionada por fatores morfológicos e rítmicos.

No caso da palavra *esleyçon*, derivada do verbo *esleer*, podemos dizer que o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) foi um fator motivador da alomorfia, já que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano.

Esse princípio foi formulado originalmente em Leben (1973) e, desde então, vem sendo aplicado em inúmeros estudos (ODDEN, 1995; BROSELOW, 1995; CLEMENTS; HUME, 1995; SCHANE, 1995). Para Cagliari (1999, p. 17) o PCO é um ponto que ainda não teve uma discussão mais profunda na fonologia atual. Segundo o autor, “a ação deste princípio é a de barrar auto-segmentos iguais na mesma fileira (*tier*) na forma subjacente lexical. É uma forma de restrição” (CAGLIARI, 1999, p. 17). Silva (2005, p. 208) observa que, se uma sequência idêntica ocorre, ela será reduzida a uma unidade no processo derivacional, assim “(aa) torna-se (a)”. A autora também aponta que a extensão da aplicação do PCO para outras categorias como segmentos e sílabas tem sido tópico de discussão na literatura.

Cagliari (1999, p. 17), seguindo Yip (1988), sintetiza a ação do bloqueio nos seguintes casos:

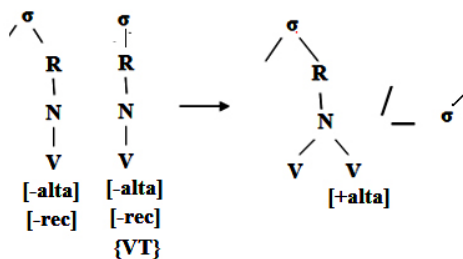
- eliminar raízes idênticas e também traços de lugares idênticos;
- é uma restrição da gramática universal (GU), que evita sequências tautológicas;
- fonemas que pertencem a morfemas diferentes ocorrem em fileiras diferentes; (portanto, nem toda sequência de traços idênticos é atingida pelo PCO);
- combinação de fileiras (*tier conflation*) pode colocar dois elementos idênticos juntos;
- se nenhuma regra agir sobre dois traços idênticos contíguos, eles se fundirão em um, no final do ciclo derivativo, completando sua passagem por um estrato lexical.

Assim, podemos concluir que, como o verbo é formado por duas vogais /e/ em sequência (*es-le-er*), ocorreu um processo de dissimilação que pode ser explicado pelo PCO, que, como dito, restringe a presença de elementos iguais adjacentes. A dissimilação foi seguida por um processo de ressilabação,



de modo que a vogal /i/ passou para a sílaba anterior, formando um ditongo decrescente, pois a vogal /i/ é alta, como vemos no esquema 1:

Esquema 1



Mattos e Silva (2006, p. 63), baseando-se em Teyssier (1982), afirma que a maioria dos ditongos com semivogal *y* em galego-português, *ay*, *ey*, *oy* e *uy*, não veio do latim (como *primariu*, que deu origem a *primeiro* em PA, *magis*, que deu origem a *mais*, *cocta*, que deu origem a *coita* e *fructu*, que deu origem a *fruito*) e é, portanto, resultado de “mudanças fônicas ocorridas no período de constituição do hispanorromance do noroeste ibérico” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 64). O processo de ditongação da palavra *esleyçon* pode ser comprovado contando as sílabas poéticas da CSM 87, versos 50-53 (METTMANN, 1986, p. 274):

*A/cor/da/dos/ dun/ co/ra/çon*  
*Fe/ze/ram/ del/ sa/ es/ley/çon,*  
*e /foi/ bis/p'a/ pou/ca/ sa/zon*

A CSM em questão se constrói a partir de versos de sete sílabas poéticas, o que comprova que *esleyçon* tem na sílaba <ley>, portanto, um ditongo.

## Casos de fusão de vogais

A palavra *remisson* foi a única encontrada em que há uma fusão das vogais *ĩ+i*, que possuem traços semelhantes e se fundem de acordo com o PCO, como podemos observar no exemplo (5).

(5)

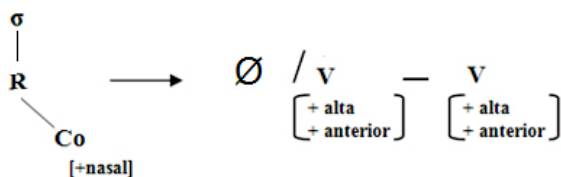
Remisson	
[Remĩi] <sub>base</sub> [-soN]	forma de base
	<b>1º estrato:</b>
RemĩisoN	justaposição
Re.mĩ.i.soN	silabação
Re.mi.soN	fusão de vogais
[Remi'sõ] <sup>6</sup>	<i>output</i>

Primeiramente, ocorre a adjunção do sufixo à base e um processo de silabação que segmenta a palavra em quatro sílabas. Duas das sílabas formadas são do tipo CVC, uma delas com a vogal nasal /ĩ/ no núcleo e, adjacente a essa, uma sílaba do tipo V com uma vogal /i/ no núcleo. Internamente à palavra, podemos dizer que o PCO age fundindo as vogais /ĩ/ e /i/, que são

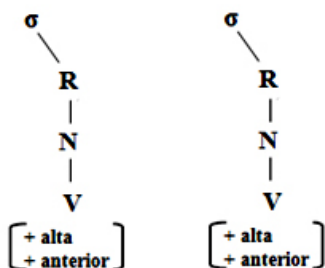
6 Como não se sabe com certeza absoluta como era a realização fonética da rótica (“r” forte) no PA, optou-se por manter o símbolo [R] para representar esse som, na transcrição fonética. Entretanto, é bem provável que esse som ainda fosse realizado, naquela época, como uma vibrante múltipla [r], realização que se mantém até os dias de hoje em algumas variedades do português europeu.

diferenciadas apenas pelo traço [+nasal]. O processo de fusão das vogais,<sup>7</sup> que está representado no Esquema 4, era, provavelmente, precedido pela desnasalização da vogal /ĩ/, representada no Esquema 2, que corresponde, no nível fonológico, ao apagamento da consoante nasal da coda. A partir da desnasalização da vogal /ĩ/, duas vogais de configurações idênticas se encontram no mesmo plano segmental, como mostra o Esquema 3, o que permite a fusão dessas vogais:

Esquema 2

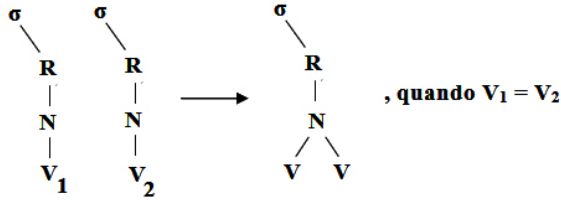


Esquema 3



<sup>7</sup> Com relação a esse processo, não é relevante discutir se se trata de geminação ou crase (MASSINI-CAGLIARI, 2005) em que as duas moras originais são mantidas, ou degeminação (BISOL, 1992), em que ocorre uma simplificação, que resulta na existência de apenas uma mora na estrutura final. De acordo com o estudo de Massini-Cagliari (2005), não existiam processos de degeminação, internamente e externamente à palavra em PA; assim, ao contrário do PB, em PA, nesses casos, as duas moras se mantêm.

Esquema 4



Como podemos observar através da Tabela 5, não houve nenhum caso de fusão de vogais entre os derivados com o sufixo *-mento*.

**Tabela 5** – Casos de fusão de vogais no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quant.	%	quant.	%
1. <sup>a</sup> Conjugação	---	---	---	---
2. <sup>a</sup> Conjugação	---	---	---	---
3. <sup>a</sup> Conjugação	1	100%	---	---
Total	1	100%	---	---

Assim, como observado na Tabela 2, a maior parte das palavras não sofre nenhum processo morfofonológico, quando são adjungidos à base os dois sufixos em questão. Tentamos explicar a natureza dos processos morfofonológicos ocorridos em maior ou menor quantidade no *corpus* e concluímos que o PCO é um dos princípios que conduz a ocorrência de determinados processos.

## Considerações finais

Este artigo teve como objetivo principal mapear e analisar os processos morfofonológicos – justaposição, alomorfia da VT e fusão de vogais semelhantes – que aconteceram na formação de nomes deverbais com os sufixos *-çon* (*-ção*) e *-mento* em PA, sincronia da língua portuguesa dos séculos XII-XIII.

A pesquisa desenvolvida neste artigo mostra que o sufixo *-çon* condiciona mais processos morfofonológicos que o sufixo *-mento*, que, por sua vez, tem mais formações regulares, isto é, nomes formados pela justaposição dos sufixos.

A alomorfia da VT é um caso de variação envolvendo vogais encontrado no *corpus* que aconteceu tanto com derivados em *-çon* como em *-mento*. Nesses casos, a variação é originada por fatores morfológicos, já que aconteceu apenas com verbos da segunda e terceira conjugações que forma em PB, segundo Câmara Jr. (2004 [1964], p. 105), uma classe separada em oposição à primeira conjugação, o que explica a variação entre as vogais temáticas /e/ e /i/ em derivados dessas conjugações. Como a situação das conjugações verbais praticamente se manteve inalterada do PA para o PB, podemos estender essa explicação para os derivados nas duas sincronias.

Houve ainda um único caso de fusão de vogais semelhantes em um derivado do sufixo *-çon*. Nesse caso, podemos observar que o PCO foi um dos fatores que colaborou para a fusão das vogais.

A ocorrência de um maior número de processos condicionados pelo sufixo *-çon* se deve, possivelmente, ao fato de começarem pela consoante /s/, que, em PA, assim como em PB, desencadeia vários fenômenos fonológicos. Tanto em PA quanto em PB, não é qualquer elemento que pode ocupar a posição de coda nas sílabas (CÂMARA JR., 2004 [1964], para o PB; BIAGIONI (2002); MASSINI-CAGLIARI (2005), para o PA). As consoantes oclusivas, por exemplo, não podem estar na coda de nenhuma sílaba em PA ou em PB, embora possam estar no *onset*, mas a consoante /s/ pode ocupar as duas po-

sições. Em PB, o /s/ pode, inclusive, ocupar a posição de coda complexa como na palavra *transcrição*, em que há uma sílaba complexa, <trans>, com uma sequência de consoante nasal e /s/ na coda. Além disso, a consoante /s/ é a única que ocorre em radicais do tipo “*s impura*”,<sup>8</sup> ou seja, palavras como *estar* e *estrela*, que têm como radical *star* e *strel(a)*, respectivamente, e cujas vogais iniciais /e/ são epentéticas. Assim, observa-se que essa consoante ocupa posições na sílaba que outras consoantes da fonologia do PA e do PB não ocupam.

O /s/ é também indicador de marcas gramaticais em algumas palavras. Tanto no PA quanto no PB, é a consoante que marca o plural de nomes, como nas palavras *mãos* e *todos*, que existem nas duas sincronias da língua. Essa consoante também é a marca de número e pessoa em verbos, como se pode observar nas palavras *pedes* e *fazes*, que correspondem à segunda pessoa (no caso de uso de *tu*) do singular do presente do indicativo dos verbos *pedir* e *fazer*, respectivamente. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 140, 172), a consoante /s/, quando corresponde à desinência de número (plural) nos nomes e também quando é marca de número e pessoa em verbos, tanto em PA quanto em PB, é extramétrica e, por isso, nunca pesa para a atribuição do acento. Portanto, trata-se de uma consoante bastante peculiar na fonologia do PA e do PB, e acabou por condicionar vários dos processos fonológicos aqui descritos.

Até agora concluímos que o PCO e variações de vogais pretônicas comuns em PA e em PB explicam a ocorrência dos processos morfofonológicos encontrados. No entanto, a maioria das palavras encontradas não sofreu nenhum processo morfofonológico, ou seja, são formações regulares da língua, o que indica que há uma tendência à regularidade na formação desses derivados em PA.

A partir dos nossos estudos apontamos alguns caminhos para a análise dos processos morfofonológicos encontrados, mas ainda há muito a ser estudado com relação aos processos de formação de palavras em períodos passados das línguas, como o PA. Além disso, dada a dimensão deste trabalho, não foi possível explorar

8 Termo do italiano, que designa o /s/ inicial de palavras cuja primeira sílaba é constituída de /s/ + C (+ C) + V, como *stella* e *strega*.

com maiores detalhes as diferenças semânticas que ocorrem com os derivados com em *-ção* e *-mento* a partir de uma mesma base verbal e a interação e a produtividade destes e de outros sufixos do PA. No entanto, esperamos ter contribuído para o esclarecimento de alguns fenômenos morfofonológicos que ocorrem no PA e para os estudos da formação do léxico da língua portuguesa.

PRADO, Natália Cristine; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Deverbal nouns formation in the Cantigas de Santa Maria: a morphophonological study. **Revista do Gel**, v. 11, n. 2, p. 71-96, 2014.

**ABSTRACT:** *This research aims to present and discuss three morphophonological processes – juxtaposition, allomorphy of the verbal thematic vowel and gemination of similar vowels – which occurs in word formation involving the suffixes -çon and -mento in a corpus composed of 420 Cantigas de Santa Maria. The cases analyzed in this study occurred with nouns from verbs of the first, second and third conjugations. Through the analysis of these processes we conclude that the suffix -çon triggers more morphophonological processes than the suffix -mento. However, although the processes are very productive, we note that most of the names were formed from the juxtaposition of the suffixes - especially in nouns formed with -mento – which shows a tendency to regularity in the word formation with these suffixes.*

**KEYWORDS:** *Word formation. Archaic Portuguese. Phonological processes.*

## Referências

ALI, M. Said. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

BASÍLIO, Margarida. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, número especial, p. 53-70, 1999.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

- BIAGIONI, A. B. **A sílaba em português arcaico**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/Unesp, Araraquara. 2002.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul./dez. 1992.
- \_\_\_\_\_. Fonologia Lexical. In.: BISOL, Leda (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 83-100.
- BROSELOW, Ellen. Skeletal Positions and Moras. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). **The handbook of Phonological Theory**. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonologia do Português: análise pela geometria de traço e pela fonologia lexical (Parte II)**. Campinas: edição do autor, 1999.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática referente a Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2004 [1964].
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: \_\_\_\_\_. **Readings in English transformational grammar**. Waltham. Mass.: Ginn, 1970. p. 194-221.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). **The handbook of Phonological Theory**. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- COELHO, Juliana Soledade Barbosa. **Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico (séc XIII ao XVI)**. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.



COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

KIPARSKY, P. Word-formation and the lexicon. In: INGERMAN, F. (Ed.). **Proceedings of the 1982 Mid America Linguistics Conference**. University of Kansas, 1985. p. 1-27.

LEE, S.-H. **Morfologia e fonologia lexical do português**. Tese (Doutorado) – IEL/Unicamp, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores**: três momentos da história do acento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

\_\_\_\_\_. **A música da fala dos trovadores**: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara: Unesp, 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, Walter. **Alfonso X, el Sabio**. Cantigas de Santa Maria: Glossário. Vol IV. Coimbra: Universidade, 1972.

\_\_\_\_\_. **Alfonso X, el Sabio**. Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986.

\_\_\_\_\_. **Alfonso X, el Sabio**. Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988.

\_\_\_\_\_. **Alfonso X, el Sabio**. Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427). Madrid: Castalia, 1989.

MOHANAN, K. P. **The theory of lexical phonology**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

ODDEN, David. Tone: African languages. In: GOLDSDMITH, J. A. (Org.). **The handbook of Phonological Theory**. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

PARKINSON, S. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. **Anuario de estudos literarios galegos**. Vigo, p. 179-205, 1998.

PEÑA, M. **Affonso el Sabio**. Antología com estudos preliminares y un vocabulario. México: Porrúa, 1973.

PRADO, N. C. **Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbiais com os sufixos –çon/-ção e -mento**: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, FCL/Unesp, Araraquara: 2010.

\_\_\_\_\_. Haplogogia na formação de palavras das Cantigas de Santa Maria. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 40, v. 1, p. 18-32, abr. 2011.

PULLEYBLANK, D. **Tone in Lexical Phonology**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

RIO-TORTO, G. Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In: LOBO, T. et al. (Org.). **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: Edufba, 2012. p. 305-322.

SCHANE, Sanford A. Diphthongization in particle phonology. In: GOLDSDMITH, J. A. (Org.). **The handbook of Phonological Theory**. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

YIP, Moira. The obligatory contour principle and phonological rules: a loss of identity. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MIT Press Journals, v. 19, n. 1, p. 65-100, 1988.